

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**ARCÍRIO PEREIRA POLIDORO**

**LITERATURA PERIFÉRICA: UMA LEITURA DO ROMANCE *GRADUADO EM MARGINALIDADE*, DE SACOLINHA.**

**JARDIM**

**2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**ARCÍRIO PEREIRA POLIDORO**

**LITERATURA PERIFÉRICA: UMA LEITURA DO ROMANCE *GRADUADO EM MARGINALIDADE*, DE SACOLINHA.**

Trabalho de conclusão ao Curso de Letras habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Msc. Rosicley Andrade Coimbra

**JARDIM**

**2015**

Polidoro, Arcírio P.

Literatura Periférica: Uma leitura do romance *Graduado em Marginalidade*, de Sacolinha/Arcírio Pereira Polidoro. Jardim: UEMS. 2015.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Graduado em Marginalidade 2. Lit. Preférica 3. Sacolinha

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor.

Dedico este trabalho aos meus amigos, Arthur e Emílio. Espero que vocês estejam vivos. Um dia a gente se encontra.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me iluminou e me deu a capacidade de discernir o que era o certo e errado na minha vida.

Agradeço a minha família, em especial a minha esposa e minha mãe que sempre me incentivaram, e também aos meus filhos Vinícius e Gabriel que chegaram a reescrever meus trabalhos algumas vezes.

Agradeço ao meu orientador Prof. Msc. Rosicley Andrade Coimbra, por seu empenho em me ajudar na confecção deste trabalho.

Agradeço aos demais professores do curso de Letras da UEMS/JARDIM, por dividir sua sabedoria conosco.

Agradeço aos colegas de classe: Bia, Bruno, Dinalva, Gih, Letícia, Maria Jerônimo, Maria Ilka, Josinely, Sandra, que sempre tiveram uma palavra amiga nas dificuldades.

Agradeço a Escola Estadual Salomé de Melo Rocha que prontamente me atendeu, permitindo realizar meu Estágio em suas dependências.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas questões relacionadas à Literatura Periférica e fazer uma análise da obra *Graduado em Marginalidade*, de Ademiro Alves de Sousa conhecido como Sacolinha. Primeiramente, faremos uma breve reflexão acerca dos conceitos de Literatura ao longo do tempo até chegar na perspectiva do surgimento da chamada Literatura Periférica. Dentro deste contexto este trabalho discorre sobre o surgimento dessa vertente literária, o fator histórico, seus representantes, suas ideologias, a representação da violência como temática principal e sua escrita coloquial.

**Palavras-chave:** *Graduado em marginalidade*; Literatura Periférica; Sacolinha.

## ABSTRACT

This study aims to present an analysis of the degree of work *Graduado em Marginalidade*, Ademiro Alves de Sousa known as Sacolinha. But first let's take a brief concept of literature over time to reach this emerging view of a Brazilian Contemporary Literature, known as Marginal Literature. Within this context, this paper analyzes the emergence of the literary front, the historical factor, their representatives, their ideologies, the portrayal of violence as its main theme and colloquial writing.

Keywords: Graduado em Marginalidade; Peripheral Literature; Sacolinha.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I</b>	
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO “O QUE É LITERATURA?”.....	12
1.1 Afinal o que é Literatura?.....	12
<b>CAPÍTULO II</b>	
A VOZ DA PERIFERIA: UM ESPAÇO COM DIREITO À FALA.....	17
2.1. Contexto histórico do surgimento da Literatura Marginal ou mimeógrafo.....	17
2.2 Literatura Periférica.....	20
<b>CAPÍTULO III</b>	
LITERATURA PERIFÉRICA: UMA LEITURA DO ROMANCE <i>GRADUADO</i> <i>EM MARGINALIDADE</i> , DE SACOLINHA.....	24
3.1 Vida.....	24
3.2 Obras.....	25
3.3 Sobre o romance <i>Graduado em Marginalidade</i> .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>ANEXOS</b> .....	33



## LISTAS DE FIGURAS

QUADRO 1:.....	33
1.1 IMAGEM 1.....	33
1.2 IMAGEM 2.....	33
1.3 IMAGEM 3.....	33
1.4 IMAGEM 4.....	33
QUADRO 2: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....	34
QUADRO 3: O GRITO DA FAVELA.....	35
QUADRO 4: VIOLÊNCIA.....	36

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico objetiva fazer uma breve análise do romance *Graduado em Marginalidade*, do escritor Ademiro de Sousa, mais conhecido no meio literário como Sacolinha, abordando a questão da chamada Literatura Periférica.

Sacolinha faz parte de um movimento que a cada dia ganha mais espaço no meio literário das grandes editoras. Esta literatura começa a aparecer após uma série de crimes violentos nas grandes periferias do Brasil. Geralmente as vítimas são pessoas que estão à margem da sociedade; pessoas sem uma identidade, como meninos de ruas, prostitutas, detentos e casa de acolhimento de menores. Todas essas histórias ficaram por muito tempo escondidas, sem voz, até o momento em que a periferia começa a mostrar sua cara através de suas narrativas, poemas e músicas, como o rap e o hip hop. Foi a partir desses dados que começamos nossa pesquisa, ou seja, para melhor entender este novo universo de expressões culturais precisamos compreender quais são suas origens e seus motivos.

Podemos dizer que é o “asfalto” reconhecendo a cultura que vem das favelas das grandes cidades, principalmente das periferias de São Paulo. Vale ressaltar que esses escritores periféricos têm uma escrita diferente (coloquial), reveladora e impactante, com situações de violência, prostituição e assassinatos, mas que já estamos acostumados a ver nas mídias, nos jornais e revistas.

Nosso intuito nesse trabalho foi o de também conhecer um pouco mais sobre a Literatura Periférica, a expressão literária dessas vozes que denunciam as injustiças sociais – políticas – econômicas do meio em que vivem. Vozes estas que são de ex-presidiários, prostitutas, drogados entre outros jogados à margem pela sociedade. Na maioria das vezes esses romances se confundem o real e o ficcional.

Este trabalho está dividido em três partes, ressaltando que o objeto de estudo é o romance *Graduado em Marginalidade*. No primeiro capítulo faremos uma abordagem sobre a questão “O que é Literatura”? Para entender alguns dos conceitos nos embasaremos em nomes como: Marisa Lajolo (2001) e Zappone & Wielewicky (2009).

No segundo capítulo, intitulado “A voz da periferia: um espaço com direito a fala”, trataremos do contexto histórico em que esta Literatura surgiu, quais foram as suas primeiras escritas e em quais circunstâncias começaram estas produções. E seguiremos em busca dos fatos que fortaleceram o engajamento desses escritores periféricos, traçando cronologicamente estes acontecimentos. Ainda neste capítulo falaremos sobre os primeiros

saraus organizados pela Cooperifa e seus participantes. Para dar credibilidade nesta pesquisa usaremos alguns pontos das pesquisas de Érica P. do Nascimento e Karl Erik Schollhammer entre outros.

Para finalizar, faremos uma breve análise da obra *Graduado em Marginalidade*. Antes falaremos um pouco da vida e obra do autor, Sacolinha, destacando os prêmios e em quais circunstâncias o livro foi escrito, as partes que o compõem, os personagens e seu contexto. Em nossa análise procuramos dar ênfase à linguagem usada pelo escritor: as expressões, as gírias que foram usados para contar a história de Burdão e de seus amigos.

Esperamos, também, dar destaque a essa nova vertente da literatura, conhecida como Literatura Periférica, bem como apresentar esse autor até então pouco estudado pelas universidades.

## CAPÍTULO I

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO “O QUE É LITERATURA?”

#### 1.1 Afinal, o que é literatura?

*Uma obra literária é um objeto social muito específico.*  
Marisa Lajolo

Quando nos perguntamos “o que é literatura?” logo vem a nossa mente uma lista de obras conhecidas, como *Odisseia*, de Homero, *Os Lusíadas*, de Camões, *A metamorfose*, de Kafka e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, sempre arroladas como tal. Mas quem determinou que essas obras fossem literárias? Por que elas são consideradas literatura e outras, contemporâneas a elas, não são? Raymond Williams comenta sobre a associação de obras literárias à pergunta o que é literatura. Para ele, “esse é um sistema de abstração poderoso, e por vez proibitivo, no qual o conceito de “literatura” é ativamente ideológico” (WILLIAMS *apud* ZAPPONE & WIELEWICK, 2009, p.51). Isto é, a valorização de determinadas obras se dá através de um processo que é social e histórico ao mesmo tempo.

Conforme Zappone e Wielewick (2009, p.20), só em meados do século XVII e no início do século XVIII, uma ideia moderna de literatura surgiu como uma criação artística, e pela primeira vez um conjunto de textos foi reconhecido como tal.

Literatura deriva da palavra latina *litteratura*, imitada da palavra grega *grammatiké*. Na Europa estas palavras semelhantes aparecem em meados do século XV, mas não tinham esse caráter especializado que possui hoje. E foi no século XV que os materiais escritos passaram das mãos dos copistas para a oficina do impressor. No entanto, a literatura escrita era privilégio de poucos e ficou restrita a uma classe social particular, ou seja, às classes que tinham uma condição financeira e cultural melhores.

Com os textos impressos, a literatura correspondia à noção clássica de “belas letras” e começou a abarcar tudo o que a retórica e a poética podiam produzir: ficção, história, filosofia e a ciência, e também toda a eloquência. Portanto, a literatura passou a ser o estudo de toda a cultura, que registrou a primeira mudança do uso do termo, como “conhecimento”, “saber”, “erudição” para um uso diferente, levando à ideia de “gosto e sensibilidade” (ZAPPONE & WIELEWICK, 2009, p.20). Ela passou, também, a ser a via régia para a

compreensão de um povo, como os seus costumes, as suas crenças, o desenvolvimento político social, entre outros elementos.

No século XIX, pontua Zappone e Wielewicz (2009, p.21), o conceito de literatura ganha uma segunda e importante definição e começa a ser associado a obras de cunho “criativo” ou “imaginativo”. Os textos não precisavam mais ser objetivos e nem científicos. Agradando o gosto burguês, agora eles tinham que ter a expressão da criatividade humana, e assim surgem os correlatos históricos e sociais, que desafiavam o desenvolvimento da sociedade capitalista e esses argumentos apareciam nestes textos de caráter imaginativo. Assim, a criatividade humana se contrapôs às novas formas de relações humanas que visavam a produção, dissolvendo a vida social, levando o povo somente a trabalhar.

Para Jonathan Culler, a definição de literatura “não é mais do que um conjunto das circunstâncias em que os usuários de uma língua aceitam empregar esse termo” (BONICCI & ZOLIN apud CULLER, 1999, p.34). Portanto, é a sociedade que faz uso de um texto literário e para torná-lo tal é preciso separá-lo do seu contexto de origem; é uma inevitável petição de princípio. Sobre a pergunta “o que é literatura?”, Culler dá a seguinte definição:

A literatura, poderíamos concluir, é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas e fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria (BONICCI & ZOLIN apud CULLER, 1999, p.34).

É por isso que a literatura requer uma atenção especial de seus leitores; mesmo que seu caráter seja ficcional, e este leitor possa ver o mundo de maneira diferente, que ele possa compreender o contexto histórico em uma obra do século XVIII, por exemplo, porque apesar de ser ficcional ela traz marcas de um falante, atores, acontecimentos e um público implícito. Portanto, fica difícil definir ao certo o que é literatura, pois ela pode ser um argumento e todos os textos têm potencial para tal. Por isso que sua definição fica em aberto, não definida e o leitor tem papel fundamental, é ele quem “faz” a literatura e o conjunto de leitores decide o que contará como literatura, uma decisão que estará em vigor somente enquanto uma comunidade desses leitores ou crentes continuar a sustentá-la.

Segundo Marisa Lajolo, a literatura passou por diversas transformações ao longo do tempo, ganhou uma nova roupagem: “Mas ela mudou. Mudou muito. Mudou de cara, de endereço e até de família” (2001, p. 7).

Assim, abrindo o questionamento sobre o que pode ser considerado literatura, Lajolo (2001, P. 8) pergunta: a música, telenovela, tem a mesma importância de uma poesia ou de

um romance? Nos dias de hoje somos bombardeados com uma série de vozes que vem de toda direção, observe este artigo publicado em um jornal:

[...] viciada na televisão e em histórias em quadrinhos, e já agora também em videogames, a juventude de hoje pouco amiga dos livros e dá as costas à leitura. Dona de um vocabulário muito parco, sua fala é ainda corrompida pelas gírias das ruas e pelos estrangeirismos que ameaçam a soberania da língua nacional. Mesmos nos cursos de Letras, não poucas vezes os clássicos da Literatura são substituídos por autores menores, esteticamente inexpressivos, que nada tem em comum com a estirpe de um Machado de Assis ou de um Graciliano Ramos... (LAJOLO, 2001, p.8)

O trecho mencionado acima por Lajolo trata do que podemos chamar de novidades culturais. Vale ressaltar que hoje em dia o material de produção desse tipo literatura evoluiu, tem uma indústria especializada em fabricar e, diferentemente do passado, época em que Machado de Assis escrevia, quando poucos escritores tinham o monopólio do mercado e da opinião, nos dias atuais somos expostos às novidades diariamente.

Ainda segundo Lajolo (2001, p. 9), há produções para todos os “feitios”: romances cheio de paixão, histórias de delinquentes, recheados de ação, comédias, questões social – política e econômica e muita ficção científica. E nós podemos saboreá-las em forma de escrita, imagens, produções longas e curtas, com rima ou sem, bem variadas e diferentes: “mas diferente não quer dizer pior, só quer dizer diferente”.

Continuando com Lajolo (2001, p.14), destacamos que, para discutir o que é literatura precisamos ficar atentos ao nosso redor, no que estamos lendo, nos livros e nas frases pintadas a *spray* em muros e edifícios da cidade. Um autor como Fagundes Varela para muitos é considerado um escritor representativo de determinado período, suas obras são analisadas em teses e congressos, só que tem pessoas que não compartilham da mesma opinião, desconhecem, porque nunca foram a um evento em que ele foi citado ou leu suas obras, e repentistas, cantadores e contadores de história de pequenas comunidades são mais conhecidos que Varela e tem um público e é fiel a eles.

Lajolo (2001, p.16) destaca também que, os poemas guardados a sete chaves, pastas, fitas CD, cadernos e arquivos, podem ser considerados Literatura? Para que tudo isso exista como literatura, primeiramente alguém tem que trazer a tona e que outro alguém as leia. É como diz Caetano Veloso: *Narciso acha feio o que não é espelho*. É preciso que estas produções sejam conhecidas, discutidas e debatidas nas diversas camadas da sociedade. (LAJOLO, 2001, p.19)

Discutir *o que é Literatura*, nas reflexões de Lajolo (2001, p. 22), ou o que pode ser Literatura não é uma tarefa fácil, por muito tempo apenas uma pequena parte de senhores de

óculos e bigodudo, vozes que era conhecida como dominantes exerciam o estabelecimento do *que é Literatura*. Só eles discutiam *o que é Literatura*, mas, no entanto, hoje temos outros tipos de óculos, olhos e ouvidos que ficaram mais espertos e começaram a perceber que mais e mais gente discutia e conceituava *o que é Literatura*.

Conforme destaca Lajolo, é certo que ao longo do tempo não definiram Literatura, apenas conceituaram. Alguns conceitos de Literatura:

- ✓ A Literatura nos permite viver num mundo onde as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites (Mário Vargas Llosa);
- ✓ Literatura é a imortalidade da fala (August Wilhelm);
- ✓ É com bons sentimentos que se faz Literatura ruim. (André Gide);
- ✓ A Literatura obedece a leis inflexíveis: a da herança, a do meio, a do momento. (Hypolite Taine);
- ✓ A Literatura é como as demais formas de arte, tem a capacidade de provocar no leitor um estranhamento diante da realidade, como se víssemos pela primeira vez, sob um prisma diferente. (Chklovski);
- ✓ A Literatura é a arte e só pode ser encarada como arte. É a arte pela arte. (Doutrina da “arte pela arte”, fins do século XIX);
- ✓ A Literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem. (Louis de Bonald);
- ✓ O poeta sente as palavras ou frases como coisas e não como sinais e sua obra como um fim e não como um meio; como uma arma de combate. (Jean-Paul Sartre);
- ✓ Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande Literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível. A Literatura não existe no vácuo. Os escritores como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. (Ezra Pound).

O que podemos tirar de conclusão desses conceitos é que a Literatura é uma manifestação artística e a linguagem (a palavra) é sua principal ferramenta e por trás sempre se percebe uma ideologia, e o artista se manifesta diante da realidade e das aspirações humanas.

E é com esta breve reflexão que partimos para uma literatura que cada dia ganha mais espaço nas grandes editoras, que por muito tempo manipulou o conteúdo e o tema, e nas mídias e cinemas. É chamada de Literatura Periférica ou Vira Lata. Escritores da periferia que aproveitam todas as funções que ela oferece, para falar dos seus anseios, seu sofrimento, dando voz à massa excluída pela sociedade e governantes. É uma escrita de engajamento e resistência, que combate todo tipo de violência, objetivando sua sobrevivência com algum sentido e positividade.



## CAPÍTULO II

### A VOZ DA PERIFERIA: UM ESPAÇO COM DIREITO A FALA

#### 2.1 Contexto histórico do surgimento da Literatura Marginal ou do mimeógrafo

*É hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar.*  
Ferréz. In: *Manual prático do ódio*.

Conforme Silva (2006, p. 29-33), a história da Literatura Marginal ou do mimeógrafo começa na cidade do Rio de Janeiro, em 1970<sup>1</sup>, por dois grupos bem distintos: um que participava dos debates culturais e políticos da época e outro que começou a entrar em contato com a produção cultural em plena repressão militar no Brasil, repressão esta que começou em 31 de março de 1964. Este golpe instalou uma forte censura a qualquer manifestação, fosse ela cultural ou política. Fica claro que esta expressão literária não nasceu na periferia, mas sim entre os representantes de um grupo da sociedade mais esclarecida.

Devido à censura começaram a aparecer grupos de artistas contra a repressão, manifestando sua indignação através da cultura que incluía grupos de teatro não empresariados, música popular, grupos mambembes de *rock*, a nossa expressão musical tipicamente brasileira, o chorinho, além de outros. Produções cinematográficas e a principal manifestação da época, as poesias mimeografadas. Vale ressaltar, também, manifestações nos muros e em camisetas.

Os livrinhos mimeografados se tornaram uma arma vendida de porta em porta nos mais diferentes lugares, como cinema, bares e teatros. Os artistas produziam, acompanhavam a tiragem e depois saíam para vender. Eles eram patrocinados por amigos, artistas e seus próprios familiares. Conforme destaca Silva:

Justamente reagindo tanto à repressão como ao excesso de registro crítico surge o mais importante movimento literário dos anos 70, a poesia marginalizou da geração mimeógrafo. Trata-se é claro de uma poesia de resistência. Sem acesso a jornais e revistas, cinema e editoras de livros, devido à censura – daí seu nome – essa poesia é copiada individualmente nos mimeógrafos como se faz com panfletos políticos, e passa de mão em mão (SILVA *apud* GALVÃO, 1994, p.192).

---

<sup>1</sup> A primeira obra que se enquadraria nesta categoria apareceu em 1960. Trata-se de *Quarto de despejo*, da favelada Carolina de Jesus, com o registro de seu cotidiano. Essa obra foi um sucesso de público, sendo traduzida para várias línguas. Ela se caracteriza como leitor-escritor potencial; descobriu a literatura em sua pobreza material e por meio da atividade de leitura e escrita encontrou um espaço para falar.

Estes textos trazem a marca do poeta, a linguagem é de fácil compreensão, longe das escritas rebuscadas e acadêmicas, apesar de serem artesanais. O cotidiano passa a ser arte, captando sentimentos vividos pelo autor<sup>2</sup>. O importante era falar do presente, do que estava acontecendo no momento e naquele lugar.

Conforme relata Nascimento (2009, p.41), neste período surgem grupos culturais como o *Frenesi*, *Vida de Artista*, *Nuvem Cigana* e o *Folha de Rosto*, que reuniam escritores como Francisco Alvim, Ronaldo Bastos, Ronaldo Santos, Chacal, Cacaso, entre outros, que garantiam a concepção dessa nova literatura, com uma linguagem coloquial e cheia de palavão, que falavam sobre sexo, drogas e de suas experiências de vida. A geração mimeógrafo não é uma geração excluída socialmente.

Mas para falarmos desta Literatura Periférica, precisamos definir qual é o papel dos excluídos perante esta expressão literária. E Alfredo Bosi (2002, p. 257-260) pontua duas situações, a primeira é que estes excluídos socialmente ou marginalizados sempre participaram da literatura, primeiramente como *objeto da escrita*. Estes personagens nem sempre agradavam a todos, mas eles aparecem na forma do Jeca estigmatizado, no sertanejo valente e indignado como no massacre de Canudos, considerado como um grande crime contra a humanidade, denunciado n' *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Aparece na crítica social e política em forma de um mulato intelectual que foi humilhado e ofendido. Este “objeto” se materializa nas mais variadas formas e nos mais diferentes espaços sociais, construindo assuntos e dando vozes narrativas que reclamam a atenção para o que é complexo logo singular.

Outra maneira de lidar com os excluídos e a escrita é papel que o primeiro ocupa “enquanto *sujeito do processo simbólico*” (BOSI, 2002, p.257-260). Nesse processo, o sujeito expõe sua realidade, e o veículo utilizado é a escrita que oscila entre a memória e a realidade, abrindo caminho para dar voz àqueles que estão à margem. Câmara Cascudo, Ariano Suassuna foram alguns representantes, contribuindo para uma identidade regional. Mas foi em 2003, conforme destacou Schollhammer (2011, p. 58) que esta literatura ganhou maior visibilidade com o livro do repórter Caco Barcellos, chamado *Abusado*, mas aqui representado por um personagem real. Era um conjunto de reportagens jornalísticas que retratava a vida do traficante Marcinho VP. A obra contribuiu para a morte do personagem,

---

<sup>2</sup> Eles produziam estes livros em cooperativas ligadas aos próprios grupos tinham, intencionalmente, características gráficas precárias: eram impressos em papel de qualidade inferior e apresentavam borrões e falhas nas impressões (NASCIMENTO *apud* PEREIRA, 1981).

pois a sua superexposição incomodou seus companheiros, que o estrangularam e o jogaram em uma lata de lixo.

Conforme Heloisa Buarque de Holanda (2015, *s/p*), outros fatos foram importantes para uma mobilização mais clara contra a violência; neste momento as mídias passam a falar das favelas e seus personagens até então desconhecidos. O primeiro fato que chamou a atenção da opinião pública foi o massacre da Candelária, quando na escadaria da igreja havia 50 crianças dormindo e 8 foram mortas a tiros por policiais. E o segundo fato ocorreu um mês depois em Vigário Geral, morrendo mais 21 inocentes, massacre também atribuído a policiais.

Logo após esses massacres surgiram organizações em defesa da cidadania e dos direitos humanos, a primeira delas foi o Viva Rio, que organizou uma grande marcha pela paz. Foi um dos raros momentos que uniu a classe média e os favelados, mas marca o início de uma produção inédita que teve sucesso de público e crítica. O asfalto começa a prestar atenção e se aproxima do que vem escoando pelas escadarias dos morros, a periferia sente vontade de gritar seus anseios para o centro da cidade.

Foi assim que começaram a surgir estes escritores contemporâneos com certa urgência em se relacionar com a realidade histórica. Em seu livro *Rasif* (2008): *mar que arrebenta*, Marcelino Freire comenta este aspecto: “De fato escrevo curto e, sobretudo, grosso. Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta vingança tem pressa. Não tenho tempo para nhe-nhen-nhens. Quero logo dizer o que quero e ir embora” (SCHOLLHAMMER *Apud* FREIRE, 2011, p.10).

Observamos nestas palavras que estes escritores querem eficiência no que eles escrevem, ou seja, buscam um efeito imediato: chegar, atingir e mudar uma determinada realidade; quando atingido já não pode oferecer nem repouso e nem reconciliação. Eles não conseguem capturar a sua realidade diretamente, só refletida na margem. Por isso o uso da literatura para se relacionar com este mundo nessa temporalidade de difícil captura. Marca que chama a atenção em relação aos escritores contemporâneos é a sua presença mesmo que ficcional em suas obras, ou a seu desempenho enfático. Com isso eles têm a missão de recriar a história do realismo literário, colocando suas experiências e seu estilo de linguagem própria. Nesse sentido, eles tratarão da sua realidade no estado mais bruto, sem refinamento. Assuntos como crime, violência, corrupção e miséria serão os temas centrais de suas obras. Elas serão colocadas de forma fragmentadas, curtas e a crônica será o estilo literário escolhido. Como ilustração do que afirmamos podemos ver neste conto-curto de Sacolinha, chamado “85 Letras e um Disparo”:

- Alô, mô, sou eu!
- Fernando, o ônibus tá sendo assaltado...
- O quê? Fala mais alto!
- Tão assaltando o ôni...
- Puf.
- Alô!
- Tu tu tu tu... (SACOLINHA, 2007, s/p).

A intenção é impactar as camadas responsáveis pela distribuição de rendas do país, mostrando a realidade de uma determinada classe social. Por isso, estes escritores não deixam de ressaltar suas experiências de vida, que vem atrelada a turbulência do contexto social e histórico, uma relação entre o mundo exterior e o interior, originando uma discussão acerca da realidade da qual fazem parte.

Outro marco considerável acontece nas telas de cinemas, quando são adaptados alguns livros que contam a história dessas pessoas excluídas. Conforme Schollhammer (2011, p.45), Dráuzio Varela, em seu livro *Estação Carandiru* (1999), escrito a partir de depoimentos dos presos que estiveram e os que sobreviveram ao massacre da polícia do Estado de São Paulo, conseguiram relatar uma página triste da nossa história<sup>3</sup>. E o romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, um morador nato de favela com o mesmo nome do seu romance, documenta a história desse complexo habitacional, que abrigava moradores que perderam tudo na enchente de 1966 no Rio de Janeiro. O livro narra o desenvolvimento individual, “partindo da infância inocente, atravessando o choque do mundo real da adolescência e direcionando para o cinismo da maturidade” (SCHOLLHAMMER, 2011, p.45). Paulo Lins escreve de dentro dessa realidade para uma sociedade que desconhece a mesma. É uma testemunha viva de tudo que ali aconteceu e acontece.

## 2.2 Literatura Periférica

Gardo: O que foi brother?  
 Rafael: Estou agradecendo a Deus por mais um dia!  
 Trecho do filme *Trash: a esperança vem do lixo* (2014),  
 do diretor Fernando Meireles.

O fragmento posto como epígrafe é do filme *Trash: a esperança vem do lixo*, cujos protagonistas são três meninos, Gardo, Rafael e Rato, que trabalham em um lixão no Rio de

---

<sup>3</sup> O episódio aconteceu em 2 de outubro de 1992, quando a polícia matou 111 detentos, na contenção de uma rebelião. Os presos que lá estavam dizem que o número de mortes é muito maior ao que foi divulgado oficialmente.

Janeiro. Tudo começa quando Gardo encontra uma carteira e dentro dela uma chave, este é um passaporte para uma aventura que envolve drama e comédia. Neste percurso Rafa conhece o policial Frederico, o qual apresenta todas as facetas de uma polícia corrupta. Após a tortura, não conseguindo o que queria, o policial Frederico pede para seu comparsa dar o tiro de misericórdia, mas o mesmo não cumpre a ordem, deixando Rafa todo machucado. Rafa é mais uma testemunha e que não terá uma nova chance. Após o desenlace da narrativa cabe à professora Olivia contar a história dos meninos.

Holanda (2015, s/p) deixa claro que é neste contexto que está inserido a maioria dos escritores da Literatura Marginal, isto é, dentro de uma cultura de resistência que mostra algumas propostas e clama por mudança. O espaço é de forte intolerância racial e desemprego e que tenta acompanhar as mudanças econômicas e culturais globalizadas. Por isso, eles chamam a atenção para temas como a miséria, a fome, a desigualdade social e principalmente a violência urbana.

A voz que vem da periferia é feita por pessoas excluídas da sociedade, gente que não tem espaço e nem alguém que os defenda. São moradores/escritores que tem profundo conhecimento das dificuldades que os cercam e sofrem com o abandono do poder público, tem vontade de falar, explicar o real motivo de sua marginalidade, cobrar dos governantes melhores condições de vida; os favelados também querem ter um tênis de marca e como diz a letra da música “Comida” da banda Titãs:

A gente não quer só comida  
A gente quer comida, diversão e arte  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída para qualquer parte (TITÃS, 1987).

As vozes que vêm da periferia sabem muito bem o que querem; são sobreviventes de sistemas sociais, prisionais e institucionais. Em outras palavras, são sobreviventes de um sistema falido que pune somente aqueles que não têm direito a voz. Para Schollhammer (2011, p.99), são vozes de uma realidade excluída e marginalizada, mas que vem conquistando seu espaço com seus romances, na sua maioria autobiográfica. Hoje é a favela que traz cultura para o asfalto. Conforme o antropólogo Hermano Viana diz:

Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para manter conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. Antes, os políticos diziam: “Vamos levar cultura para a favela”. Agora é diferente: a favela responde: “Qualé, mané? O que não falta aqui é cultura! Olha só o

que tem a aprender com a gente (SCHOLLHAMMER *apud* VIANA, 2011, p. 100 s)

Neste contexto eles se expressam e denunciam a realidade através de depoimentos, produções, expressão e performances, transgredindo as fronteiras entre a ficção e a não ficção. Proporciona mudanças nas práticas culturais, tirando ela da posição de sério e erudito, voltado para crítica da ordem do sistema. É uma nova forma de ver o mundo, adotando um novo comportamento diante da sociedade. Os escritores marginais deixam de ser objeto de representação na literatura e começa a escrever sua própria história, a periferia começa a ganhar identidade, o escritor tem um estreito relacionamento com a comunidade, ou seja, é alguém que conhece e vive todas as mazelas de uma vida em um lugar marginalizado pela sociedade.

Oliveira (2011, p.39) diz que, simbolicamente a Literatura Marginal teve sua primeira manifestação em um conjunto de manifestos publicados na revista *Caros Amigos*, organizado por Ferréz<sup>4</sup>. A edição inaugural foi em 2001, que contou com produções de moradores do bairro Capão Redondo, foram dez no total. Em 2002 e 2004, mais duas edições que contou com 38 autores de Literatura Marginal. A produção se torna um eu-coletivo, uma representação da massa excluída; é como se eles quisessem dizer: “agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve” (OLIVEIRA *apud* FERRÉZ, 2005, p.9).

Outra organização importante na divulgação dessas produções é a Cooperifa<sup>5</sup>. Os saraus foram organizados em um bar, porque no bairro que Vaz e Pezão, os organizadores, moravam não tinha teatro, cinema, praça pública ou parque. Este era o único lugar público da região. E a comunidade comprou a ideia, o bar se transformou em um centro cultural. Hoje já são mais de 50 saraus pelo Brasil, no mesmo formato da Cooperifa. Vaz usa dos meios eletrônicos para dar voz a periferia também, usa redes sociais como Facebook e Blogs, e acredita que a visibilidade é imediata.

A primeira voz importante que veio da periferia é a dos *rappers*, com o hip hop, manifestações culturais que envolvem o rap, o breaking e o grafite. Certamente foi uma das primeiras expressões a sair da periferia; até então quem “curtia”, prestava mais atenção no ritmo; a letra era um mero detalhe. Isto foi desmistificado justamente nos saraus, quando os compositores passaram a declamar suas letras, só assim o público conseguiu ver a essência

---

<sup>4</sup> Ferréz, cujo verdadeiro nome é Reginaldo Ferreira da Silva, é um romancista, contista e poeta. É ligado à corrente considerada *literatura marginal* por ser desenvolvida na periferia das grandes cidades e tratar de temas relacionados a este universo.

<sup>5</sup> Cooperifa (Coordenação Cultural da Periferia) foi fundada por Sérgio Vaz e Marcos Pezão.

das mesmas. Um dos mais conhecidos certamente é o grupo Racionais Mc's<sup>6</sup>, do rapper Mano Brown:

E há ainda um jovem escritor, que será tema de nossa análise em capítulo posterior. Trata-se de Ademiro Alves de Souza, o Sacolinha. Escritor negro, morador da periferia, que faz da sua literatura uma forma de denunciar os descasos da sociedade. Ele tenta transpor os limites da margem. No capítulo seguinte faremos a apresentação e leitura do romance *Graduado em Marginalidade*.

---

<sup>6</sup> Suas canções demonstram a preocupação em denunciar como a destruição da vida de jovens negros e pobres da periferia de São Paulo é resultado do racismo e do sistema capitalista, ao sustentarem a miséria diretamente ligada com a violência e o crime.

## CAPÍTULO III

### LITERATURA PERIFÉRICA: UMA LEITURA DO ROMANCE *GRADUADO EM MARGINALIDADE*, DE SACOLINHA.

#### 3.1 Vida

Antes de começar a falar do romance *Graduado em Marginalidade*, vamos fazer algumas considerações sobre o autor, Ademiro Alves de Sousa (QUADRO 1: IMAGEM 1), mais conhecido como “Sacolinha”, apelido este dado pelos colegas perueiros na infância. Conforme Nascimento (2005, p.216-220), Sacolinha nasceu em 9 de agosto de 1983, em São Paulo. Cresceu no bairro de Itaquera e logo se mudou para o Jardim Revista, na cidade de Suzano.

Sacolinha morou com a avó até os dezoito anos. Sua mãe era negra, trabalhava como caixa, seu pai sempre foi ausente, com quem teve um único contato em sua vida. Sacolinha teve suas bases educacionais formadas em escolas públicas, suas disciplinas favoritas eram Educação Física e Artística, só no final do ensino médio se interessou por História e Literatura.

Começou a trabalhar muito cedo; seu primeiro emprego foi informal como cobrador de lotação, mas ainda entregou panfletos nos faróis, foi empacotador de supermercado e auxiliar administrativo de um projeto que atendia crianças com pendência com a lei. Mais tarde, quando já escrevia, foi Secretário de Cultura de Suzano.

Foi militante do movimento negro, no CPD Negro Sim (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento), onde é oferecida assistência a pessoas negras vítimas de racismo; militou também no movimento Hip Hop, gostava das letras que denunciavam as mazelas sociais, ajudou a organizar e divulgar o Rap, o Grafite e o Break, principalmente na rádio comunitária, chamada “Comunidade FM”, pela qual divulgava os eventos e informe dos jornais.

Este período na rádio contribuiu muito para a divulgação dos seus primeiros textos literários – textos de revolta – espelhados nas letras dos Racionais MC’s (QUADRO 1: IMAGEM 2) e Faces da Morte. Como o próprio escritor relata:

Eu já estava com a ideia de começar a escrever letra de música, só que não deu certo montar um grupo de rap, mas eu continuei curtindo rap, continuei ouvindo, tanto as ideias são boas como as batidas, o ritmo. E eu me identifico porque desde a minha infância eu gosto de usar roupa larga, por causa do skate também. Então, o meu envolvimento com o rap foi a partir daí, da rádio comunitária. Daí começou a vir a questão do rap também pelo interesse pelo meio social, como o rap trata isso. Talvez, eu não tivesse voz



pra estar falando que eu era discriminado, eu não voz pra estar falando que alguns playboys, invocavam comigo porque eu andava de calça larga, mas o hip hop falava isso. Aí foi quando eu comecei a escrever, escrever, escrever... Sempre com aquela questão revoltosa, né, só que eu não sabia se eu escrevia poesia, se era conto, se era texto, eu não tinha essa técnica, tinha talento, mas não tinha técnica (NASCIMENTO *apud* SACOLINHA, 2005, p. 219).

Sacolinha não ficou só nas letras e divulgações das letras de rap e hip hop, logo começou a organizar sarais, dando oportunidade de pessoas anônimas e conhecidas do meio de declamar seus textos e principalmente promover a leitura na periferia.

Conforme Nascimento (2005, p. 220), Sacolinha foi iniciado na literatura ao descobrir uma caixa com vários volumes da “Coleção Vaga-Lume”; a partir daí ele começou a frequentar bibliotecas e sebos. Foi assim que ele foi apresentado ao livro *Quarto de Despejo*<sup>7</sup>, de Carolina Maria de Jesus, fato que foi decisivo para sua carreira de escritor. A sua primeira obra foi o conto “Um dia comum”, publicado na revista Caros Amigos/Literatura Marginal, em 2004. A partir desta publicação Sacolinha começou a participar ativamente de vários eventos como palestrante e em antologias de outros autores como o volume 28 dos *Cadernos Negros*<sup>8</sup>, organizados por Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa; além de participar de *No Limite da Palavra*, de Scortecchi; *Rastilho de Pólvora*, antologia poética do Sarau Cooperifa, entre outros. Mas a obra que deixou Sacolinha conhecido no mundo literário foi *Graduado em Marginalidade*, lançada oficialmente em 05 de agosto de 2005, sobre o qual falaremos mais abaixo, mas antes apresentaremos o rol de suas obras e os prêmios que ele já ganhou.

### 3.2 Obras

#### Romances

- 2005 - *Graduado em marginalidade*
- 2010 - *Estação terminal*

#### Contos

- 2006 - *85 letras e um disparo*
- 2012 - *Manteiga de cacau*

#### Infanto-juvenil

---

<sup>7</sup> *Quarto de despejo*, publicado em 1960, produto de 35 cadernos manuscritos, nos quais Carolina anotava sua rotina e experiências sociais como mulher, negra e favelada; morava no Bairro de Canindé, Zona Norte de São Paulo, e sobrevivia catando papelão; era mãe de três filhos.

<sup>8</sup> Edições dedicadas aos textos em verso e prosa, exclusivamente produzidos por autores afrodescendentes.

- 2010 - *Peripécias de minha infância*

Autobiografia

- 2013 - *Como a água do rio*

Prêmios

- III Mostra de Talentos – Escola Oswaldo de Artes;
- Universidade Mogi das Cruzes – Melhor Interpretação e Melhor Poesia;
- Prêmio Cooperifa 1, 2, 3 e 4;
- Prêmio Davi Capistrano – Cidade de Bauru;
- Prêmio Netinho – Militância Cultural

### 3.3 Sobre o romance *Graduado em Marginalidade*

*Graduado em Marginalidade* foi escrito entre os meses de abril e dezembro de 2003, entre o trabalho de lotação e o curso técnico de informática. No entanto, só é publicado em 2005. O interessante é que Sacolinha rascunhou o livro à mão em folhas de papel sulfite A3. Enviou para várias editoras com ajuda de amigos e parentes que emprestaram dinheiro para ele concretizar a publicação. Mas foi através de rifas e empréstimos que conseguiu lançar o livro de forma independente.

Sacolinha contou com amigos como Alessandro Buzzo, que prefaciou o livro e ganhou do amigo Sérgio Vaz o poema inédito “O Alquimista”<sup>9</sup>. Fernando Bonassi e Juan Perone escreveram a contracapa:

Gostei da pegada desse texto. Tá aí a tragédia de Vander exposta com conhecimento de causa. Tá aí a paisagem da periferia, tão esquecida dos nossos letrados; gostei muito dos cortes cinematográficos (sem frescura ou maiores explicação) de um capítulo para o outro. Tem o tamanho e o tempo certo. É um romance urbano-contemporâneo como deve ser. Curto e grosso (NASCIMENTO *apud* BONASSI, 2005, s/p).

Sacolinha serve de modelo para a capa da edição do livro, com calça de capoeira, pés descalços e uma rosa na mão (QUADRO 1: IMAGEM 3). O romance se divide em 29 capítulos, vários personagens, e uma trama que se passa na Vila Clementina, periferia de Mogi das Cruzes, lugar de gente fofoqueira, mães solteiras, beatas, assaltantes, trabalhadores explorados e crianças sem um lazer.

O romance narra a estória de Vander, mais conhecido como Burdão, negro, desempregado, que sofre discriminação por morar em uma vila considerada violenta, só

---

<sup>9</sup> Antecede o primeiro capítulo

arranja “bicos” para fazer, mas não perde a esperança. Gosta de ler livros. Durante o romance fica evidente a leitura dos livros *Esmaguem meu coração*, *Querô: uma reportagem maldita* e *Memórias do cárcere*<sup>10</sup>.

A vida de Burdão muda quando seu pai, seu ídolo, é brutalmente assassinado e sua mãe morre de uma doença desconhecida, após passar por vários hospitais públicos. Outro fato marcante é a tomada dos pontos de droga por um policial corrupto chamado Lúcio, que mata Escobar, o chefe, e vira dono do pedaço, mudando radicalmente a vida comunidade. Lúcio vive um contraste com sua profissão:

Há muito tempo esse policial estudava uma estratégia para derrubar Escobar. Não queria chegar de qualquer forma, ou qualquer jeito, se o plano falhasse, poderia ser descoberto pelos seus superiores e perderia o crédito e a razão que sempre teve junto aos seus colegas de trabalho. Foi convocado várias vezes, e recebeu elogios raros do governo por sempre conseguir pegar ladrões mais perigosos do momento, porém, os interlocutores dos elogios mal sabiam que Lúcio tem um currículo com vinte e dois assassinatos, cheira cocaína, prende assaltantes e fica com o dinheiro dos assaltos, e toda sexta-feira tem um itinerário a seguir onde nele há desmanches e bocas de fumo. Enfim, Lúcio é um dos vários policiais que usam a profissão como um meio de ficar bem na vida, roubando, matando, extorquindo e esculachando cidadãos. (SACOLINHA, 2009, p.32).

Com esta mudança de comando na comunidade o caos se instala, os amigos de Burdão se tornam viciados e começam a praticar crimes na região. Mas o fato importante que vai mudar sua vida é um falso flagrante de drogas e Burdão acaba preso. O romance mostra também a degradação lentamente dos seus amigos de infância Vladi, Sandrão, Bozo, Peruca, Casquinha, Esquilo, Catinga, Nego Ba, entre outros. Todos eles se entregam ao vício das drogas. Antes eles se reuniam no beco da fogueira para conversar e toma vinho, após a troca de comando na vila, o vinho deu lugar a maconha.

Na cadeia ele conhece todo o tipo de violência, tortura, convívio com assaltantes e assassinos, convite a práticas sexuais, carcereiros corruptos e a falta de infraestrutura, presídio lotado e sem nada para fazer. Conhece também Pacola, João Ligeiro e Benon, parceiros decisivos na sua fuga da prisão. Com a pressão da cadeia ele começa a se graduar no crime, sem querer ele descobre o assassino do pai, então ele o vinga.

O rapaz que era bom moço se transforma em um homem cheio de ódio, assassino e traficante, em vez de cheiro de rosa ele passa a sentir cheiro de pólvora. No livro há ainda outras narrativas de segundo plano, como mães solteiras que viram prostitutas, violência, sexo, crimes, dependência de drogas e mortes trágicas.

---

<sup>10</sup> De autoria de André Torres, Plínio Marques e Graciliano Ramos respectivamente.

Ao fugir da cadeia Burdão toma o controle da favela, derrubando Lúcio. Vai morar com Rebeca, namoradinho desde o tempo que ele era bom moço, vivem tranquilos com seu bando até certo tempo. Mas o traficante policial Lúcio não ia deixar barato, logo ele retorna para reclamar seu trono. Com a ajuda de policiais fardados, como se fosse uma batida para fechar boca de fumos, ele entra na favela e começa a matar um a um os aliados de Burdão. Rebeca que estava grávida não é poupada pelos comparsas de Lúcio, morre com três tiros.

Na fuga, Burdão é atingido por um dos parceiros de Lúcio e cai. Lúcio se aproxima. Mas antes do tiro de misericórdia, Burdão vê a morte de seus entes queridos passarem como um flash na sua frente, e percebe que algo vem em sua direção para levá-lo ao encontro deles. Lúcio se encarrega de dar o último tiro: “amanheceu mais um dia” (SACOLINHA, 2009, p.194).

Sacolinha usa termos coloquiais para narrar seu romance, palavras cotidianas das periferias urbanas paulistas. Gírias como *mano* (irmão), *mina* (menina), *treta* (briga), *trampo* (trabalho), *quebrada* (lugar onde nasceu ou onde mora), *estamos na roça* (sem opção) e *deixa quieto* (ignore), são usados para narrar e aproximar o leitor da realidade da periferia. Observe as frases que aparece no romance *Graduado em Marginalidade*:

- Estão lascados, vão mofar lá dentro. Leva uma merreca pra bater um dog, senão vocês vão morrer de fome.
- Nós não vamos ficar lá não, vamos deixar currículo e capar o gato lá pro centro.
- No meio do ano é foda conseguir emprego.
- E o Vladi tá fodido se não consegui emprego, logo mais vai se papai.
- É mano, minha mina já está de cinco meses, seu eu não conseguir nem um bico, vou ter que vender o meu fuscão (SACOLINHA, 2005, p.37).

É um diálogo típico das periferias das grandes cidades, um abreviamento de palavras para deixar fluir com mais rapidez a comunicação oral, sem regras de gramáticas e sem perder o sentido das mesmas. Uma variação do nosso português. E o mais importante, Sacolinha está se comunicando conforme os moradores, porque ele faz parte dessa realidade, se aproxima mais ainda pela escrita.

Outro ponto que chama a atenção é o conhecimento bélico do escritor: pistolas Sig Sauer, Benelli m3, fuzil AK 44, carabina Constance, são armas de grosso calibre, que só o exército pode usar ou são armas importadas. Mas estas armas estão presentes nas favelas para guardar a boca de fumo. O fato de o romance trazer essas informações só reforça a ideia do meio em que o narrador/autor nasceu e cresceu.

A carceragem é outro ambiente descrito com muita precisão. É como se o escritor estivesse ele próprio na sala de tortura:

Acordou quando jogaram água gelada no seu corpo. Estava pendurado de cabeça pra baixo e, *pelo mau cheiro*, percebeu que estava na sala de tortura. Três homens de capuz à sua frente. Quem se destacava era o que estava com um *pequeno balde* em mãos. Esse parou de se movimentar quando percebeu que o jovem havia acordado. Os olhos de Burdão aos poucos desembacavam, e agora, com bastante clareza, avista os itens que compõem a saleta: *um chicote, uma corda cheia de nós, dois alicates de bico, um fio de eletricidade, um cassetete e um pote de plástico com um líquido vermelho*. Todos esses objetos aguardam o uso em cima de *uma mesa marrom e encardida* (SACOLINHA, 2009, p.134, grifos nossos).

Outra referência que demonstra que o escritor conhece o sistema prisional ocorre na página 92: *“todo cabrito que chega há de ser batizado”*. Batizar, na gíria da cadeia, todo novato que chega lá, pode cair na graça de quem comanda as celas ou virar “mulher” do dono do pedaço.

O efeito que a droga causa nas pessoas também é bem descrito, arremetendo ao conhecimento que o autor tem da sensação e da causa de tragar um *beck* (cigarro de maconha): *“a roda ficou esperando a reação. O iniciante não esboçou qualquer gesto, apenas passou a droga e ficou em silêncio... Era a primeira reação, no íntimo do seu pensamento um inimigo se formava”*. (2009, p. 49); *“tragou... sentiu o sangue correndo suave dentro de si”* (2009, p.69). Ainda na página 49 é descrito a paranoia de Casquinha, que começa a ver a fogueira se mexer e de dentro dela sai uma pessoa com um pedaço de pau pegando fogo; ele tem um surto psicótico sai correndo e o homem o segue.

Como dito anteriormente, a gíria é constante na obra, tanto por parte dos bandidos, quanto dos policiais: *“Esses pregos tão achando que vão dominar minha área, que ideia é essa? Vou torturar todos, vou pingar vela no corpo de cada um até os cabelos do cu bater palmas, eles vão ver”*, fala Escobar (2009p. 28) E na página 145, Pacola diz: *“Borá logo que tá pra chegar Maria-Bonita”*.

Sacolinha deixa marcas na sua obra de expressões que não atendem as exigências da norma padrão, conforme as seguintes passagens:

- “Foi no quarto de sua mãe. Pegou o despertador...” (p.40);
- “... essa pessoa que lhe jogou na cadeia” (p.104);
- “Burdão foi recebido com a maior recepção” (p.141);
- “À cinco minutos do presídio” (p.142);
- “Dona Marina, que era católica, não interviu na escolha do filho” (p.161);
- “Sabe que Troys é um ser humano que não se pode confiar” (p.186);

Essas expressões e gírias não comprometem a obra, pois elas criam sentidos e as palavras encarnam significações no contexto do romance. A linguagem se tornou dinâmica no mundo totalmente globalizado. São muitas informações e acabamos fazendo uma economia ou aprimoramento na forma de comunicação com abreviações e chavões comuns no grupo social onde vivemos.

Nascimento (2002, p.2) diz que, a análise dessa literatura exige que alguns parâmetros críticos sejam revistos, porque os textos destoam do padrão tido como culto, abusando do uso de gírias da periferia e com regras próprias de concordância, plural e ortografia. O romance *Graduado em Marginalidade* vem propor uma mudança, até mesmo na Literatura Brasileira, seja relacionada à linguagem ou ao conteúdo, trazendo a realidade das periferias, dando uma identidade a esta massa excluída, pois o que ela quer mesmo é provocar.

Segundo Souza (2004, p.96) Carolina de Jesus (QUADRO 1: IMAGEM 4) também não fazia parte do universo habitual das letras brasileiras, porque era um tempo de escritores cultos e a maioria pertencia a classe média. Sacolinha e Carolina de Jesus têm histórias semelhantes, em busca de publicar suas obras, fizeram inúmeras tentativas de ser reconhecidos, Sacolinha enviou seu romance *Graduado em Marginalidade* para 24 editoras.

Outra proximidade é o fato dos escritores ter vindo de uma camada de baixo da sociedade e usarem uma linguagem fraturada. A narração é a partir do ponto de vista de baixo, não cabia nos padrões das elites, uma linguagem mais próxima do cotidiano, aliado a uma sintaxe fraturada, por isso ele é resistente.

Para Sousa (2004, p.97), “a linguagem fraturada desses escritores marginalizados deve ser entendida pelo que de fato é: a tentativa de uma pessoa das camadas subalternas de dominar os códigos da cidade letrada”. É a junção da transcrição da fala popular ao repertório naturalista, é a ousadia da linguagem na sua mais pura concepção. Mas não se enganem, tanto Carolina como Sacolinha e os demais escritores que se encaixa nessa escrita, o que eles querem é ser lidos por esta classe média e as demais, porque eles se identificam com esta classe letrada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conceituar Literatura não é uma tarefa das mais fáceis, pois diversos aspectos têm que ser levados em consideração, por exemplo, as diferentes épocas e o contexto em que esta Literatura foi produzida, porque um texto pode ser reconhecido como literário em um determinado tempo e no outro ser desconsiderado.

Na discussão que tivemos durante o processo de tentar conceitualizar Literatura ficou evidente a dificuldade de definição da mesma, e também que ela emprega uma linguagem de forma especial e poética. É através da Literatura que o homem se afasta da sua realidade, viajando para um mundo ficcional e ao voltar à sua realidade ele não é mais o mesmo, ele traz consigo a marca da mudança, para melhor ou pior. Não é diferente com a Literatura Marginal. Desde que ela surgiu o seu maior objetivo é o engajamento e a denúncia; dar voz a este povo esquecido e reprimido.

No século XX a Literatura Marginal caminhou a passos lentos sendo considerada um produto artesanal, de fundo de quintal, mas nunca deixou de produzir e nem fugiu do seu objetivo. Já no século XXI, com a velocidade das ferramentas tecnológicas, esta Literatura se apropriou dessas novidades e histórias de favelados foram parar nos cinemas, as mídias começaram contar histórias de pessoas que sofriam abusos da sociedade de uma forma geral, por exemplo, história como a do pedreiro Amarildo, que ganhou o noticiário nacional no horário nobre da televisão, o caso se tornou um símbolo de abuso policial.

O romance *Graduado em Marginalidade* traz à tona questões bastante discutidas nos dias de hoje, a violência. A obra serve como uma denúncia contra as mazelas sociais e a injustiça no Brasil. A narrativa expõe diretamente os males das periferias das grandes cidades, tornando-se um veículo de expressão para as pessoas sem oportunidade de fala.

Sacolinha, negro, favelado, descreve com precisão este ambiente, é um profundo conhecedor deste espaço. Ele consegue transmitir com fidelidade cada espaço e ambiente onde se desenrola o romance. Com jeito simples de falar, o da própria comunidade, de dentro deste espaço ele passa a falar e quer ser ouvido pelos demais.

O que Sacolinha quer é mostrar a realidade das periferias, é falar do eu-coletivo, é abrir os olhos da sociedade, ele quer dizer para todos que a favela também é capaz de produzir cultura, a partir de suas histórias de vida, das danças, da música e do grafite. Práticas que transformaram a vida desses excluídos, movimentos de representação e de negociação de sentidos entre os sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CURRÍCULO ESCRITOR SACOLINHA. Disponível no site: <http://curriculosacolagradoado.blogspot.com.br/2011/01/biografia.html> / Acessado em 19 de outubro de 2015, as 17h26m.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Literatura Marginal*. Disponível no site [www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/](http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/) acessado em 11 de setembro de 2015.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. *Literatura Marginal: questionamento à teoria literária*. Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

SACOLINHA. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escritor\\_Sacolinha\\_%28Ademiro\\_Alves%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escritor_Sacolinha_%28Ademiro_Alves%29). Acesso em 20 de setembro de 2015.

SACOLINHA. *Graduado em marginalidade*. Rio de Janeiro: Confraria do vento, 2009.  
\_\_\_\_\_. *85 letras e um disparo*. São Paulo: Global, 2007. (Coleção Literatura Periférica).

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Editora: Civilização Brasileira. Rio Janeiro: RJ, 2011.

SILVA, Rogério de S. *Cultura e violência: autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal*. Tese de pós-graduação de Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de mesquita Filho”. Araraquara: SP, 2006.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: BASTOS, Hermenegildo José (Org.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora UnB, 2011.

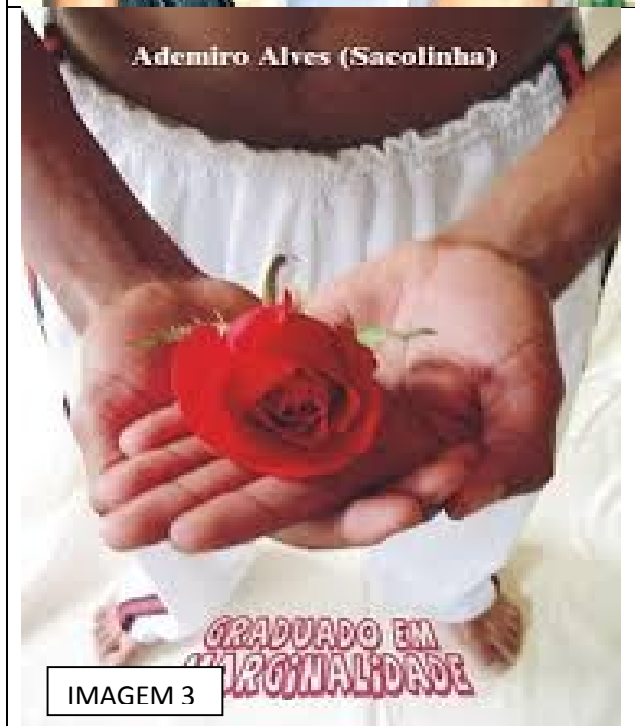
TRASH: A esperança vem do Lixo: Disponível no site: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-192550/criticas-adorocinema/>. Acesso em 07 de setembro de 2015.

ZAPPONE, Mirian H. Y. & WIELEWICK, Vera H. G. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem. 2009.



## ANEXOS

### Quadro 1



Imagens do Google.

Quadro 2

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS



Imagens do Google

Quadro 3

O GRITO DA FAVELA



Imagens do Google

Quadro 4

VIOLÊNCIA



Imagens do Google